

O QUE VALE É O

PILOTOS

EM MEIO À ALTITUDE E ATITUDES FIRMES, UM ELITIZADO GRUPO TREINADO PELO PERSONAGEM DE TOM CRUISE, EM **TOP GUN: MAVERICK**, TESTA O FÔLEGO DOS ESPECTADORES, NUM FILME DINÂMICO E CHEIO DE CITAÇÕES AO SUCESSO DE 1986

» RICARDO DAEHN

Numa outra era do cinema — num céu de brigadeiro para Tom Cruise, antes, e bem antes de sucessos como *Minority Report* e das franquias *Jack Reacher* e *Missão: Impossível* —, o filme *Top Gun: Ases indomáveis* (1986) cravou o marco absoluto de bilheteria para o astro e que para até hoje, numa esfera de renda de US\$ 357 milhões, em escala mundial. Noutros tempos, desde 2018, US\$ 152 milhões foram injetados em *Top Gun: Maverick*, que chega, finalmente, nas telas, depois de travado pelos efeitos da pandemia. Com ar cool, e algo abatido, mas com a petulância sob medida do protagonista, o piloto de caça Pete “Maverick” Mitchell, Cruise encabeça *Top Gun: Maverick*, no qual o inimigo tem forma definida: uma usina ilegal de urânio.

No material de divulgação do filme sob o selo da Paramount Pictures, Tom Cruise exalta a “grandiosidade e beleza em pilotar um caça”. Se coloca as mãos na icônica jaqueta de couro, no estilo ray-ban e no guidão da invejável Kawasaki, não há dúvidas de que Maverick vai se meter entre a esquadrilha de caças, e pilotar os F-18 que enlouquecem o corpo de alunos do programa de Táticas de Caças de Combate da Marinha (popularmente batizado *Top Gun*). Na californiana estação Miramar, na qual teve aprendizados há 33 anos, Cruise regressou para um curso de sobrevivência e ainda ajustou as apostilas de ensinamentos repassados aos colegas do elenco, tornado instrutor dos atores.

“O novo filme é sobre família, amizade e sacrifícios. É ainda sobre redenção e sobre o preço dos erros”, avalia Cruise, novamente unido aos lendários produtores Don Simpson e Jerry Bruckheimer. Vale a lembrança de que o roteiro do longa original partiu de um artigo assinado pelo israelense Ehud Yonay, valorizado pela capacidade imersiva da leitura do texto publicado numa revista de 1983. O mote do filme atual, que tem direção de Joseph Kosinski (dos futuristas *Tron: o legado* e *Oblivion*), passou pelo trato de Ehren Kruger (*O chamado*), Eric Warren Singer (*Trapaça*) e Christopher McQuarrie (*Missão: Impossível — Efeito Fallout*).

Rispeiz, sem direito a debate, e uma hierarquia exagerada cercam o experiente Maverick. Veterano de combates na Bósnia e no Iraque, ele é informado de possível cortes nas verbas de um projeto ligado a supersônicos que ele encabeça. Cheio de medalhas e menções especiais, Maverick segue sem promoções, mas vislumbra se ajustar. Porém é alertado de que “o futuro está vindo” e que o fim “é inevitável”. O almirante Cyclone (Jon Hamm) é quem dá sobrevivência a Maverick. Tornando “o ser humano mais veloz do mundo”, Maverick é destacado para lecionar para um grupo de brat pack (pirralhos) que, de certa forma, já forma a elite da Marinha, num recurso que faz entrever o nostálgico filme oitentista do britânico Tony Scott estrelado por Anthony Edwards, Tom Skerritt, Tim Robbins e Val Kilmer, outrora visto como o rival Iceman (que retorna à telona). O interesse romântico de Maverick, vale a menção, não é mais a instrutora Charlotte (Kelly McGillis, afastada do projeto).

Reavivando a carga de descontração das cenas que traziam as cantorias de *Great balls of fire* e ainda *You've lost that lovin' feelin'* (do primeiro filme), a jovem senhora atrás do balcão de bar, Penny (Jennifer Connelly), é quem atrai o protagonista que, inesperadamente, volta a vestir o branco uniforme de gala. Em certa medida, quem ensaia um retorno é Goose — mas, a partir do rebento tenente Bradley “Rooster” Bradshaw (Miles Teller). Na missão de liderança, Maverick assume missão que determina

A união deveria fazer a força entre os alunos da escola dos pilotos de caça



Miles Teller interpreta o tenente Bradley “Rooster” Bradshaw: elemento vivo do sombrio passado de Maverick



Tom Cruise, no papel do Capitão Pete “Maverick” Mitchell



Jon Hamm tem papel decisivo na trama do novo filme

vida e morte entre novos, afoitos, e por vezes, insubordinados e provocadores, pilotos. No grupo, destacam-se os atores Glen Powell (Hangman), Monica Barbaro (Phoenix) e Lewis Pullman, na pele do nerd Bob.

A frente de um forte campo minado armado pelos inimigos, a falta de tempo se prova a maior adversidade dos jovens que padecem para encampar o espírito de equipe. O novo longa parece abraçar o mesmo potencial para estímulo de alistamento detectado no exitoso filme de 1986. A ação desenfreada, doses de competição e sombras dos efeitos de mortes reaparecem, na mesma medida. A engenharia técnica que despontou na edição do Oscar de 1987, quando o filme venceu estatueta de canção original (por *Take my breath away*), e ainda se viu candidato à melhor edição, som e edição de efeitos sonoros, se repete agora: a excelente direção de fotografia de Jeffrey L. Kimball (do original) tem parêntese na obra de Claudio Miranda (o mesmo de *As aventuras de Pi*).

Divisor de águas

“Sempre quis me envolver em grandes histórias e entreter o mundo. Foi meu propósito”, ressaltou Tom Cruise, no material promocional. O sucesso está impresso na nova aventura. Para além das irretocáveis e envolventes cenas de combate aéreo, o filme explora bem as dívidas e os medos no exame de consciência de Maverick. Os testes de tolerância dos organismos sujeitos à resistência e às forças da física, no ar, também impressionam. O compositor Hans Zimmer faz a diferença no projeto em muito baseado nos propósitos de uma equipe aérea atingir o alvo, entre rasantes quase mortais. Calibrado de emoção, atitudes paternais de um personagem (a princípio) solitário e ainda por revival sonoro (ecoa *Danger zone*, com Kenny Loggins), o novo *Top Gun*, apesar de uma fajuta música defendida por Lady Gaga, consegue divertir, com toques de heroísmo e superação (por vezes, piegas), numa missão plenamente “realizada”.

Colaborou Giovanna dos Santos

» O olhar dos fãs



Top Gun é um clássico dos anos 80 e acredito que, como tal, todo mundo deveria ver pelo menos uma vez. A trilha sonora é uma das melhores que o cinema já produziu e espero que a continuação mantenha esse nível. Estou ansioso para assistir esse lançamento, gostei do trailer e li boas resenhas, principalmente sobre a atuação do Tom Cruise, e é perceptível como o tempo e a experiência ajudaram no desenvolvimento do personagem.

Tainan Soares Rodrigues, consultor financeiro, 30 anos



Não gosto do primeiro filme (*Top Gun: Ases indomáveis*), mas o segundo me surpreendeu muito. Melhorou em todos os aspectos, entregou ação e drama de qualidade, não é previsível, a trilha sonora é incrível, o preparo dos atores e da produção fica evidente a cada cena. É um filme que conversa com todos os públicos porque aborda situações que todos conseguem se identificar, além de ser um entretenimento que você quer ver e rever várias vezes. Recomendo demais.

Alexya Lemos, estudante, 19 anos